Saudando Gisafran Nazareno Mota Jucá

João Alfredo Montenegro(*)

Revive hoje este tradicional órgão de Cultura os momentos originários de sua longa trajetória de estudos e de pesquisas sobre a realidade cearense.

Retoma o impulso criativo de seus fundadores, voltados predominantemente para o lançamento das bases da historiografia desta terra sofrida e palco de avultadas contradições.

Estruturara-se um consenso ao redor do paradigma maior da mesma historiografia, a alcançar, conforme José Honório Rodrigues, "a sua fase de amadurecimento" em coincidência com a fundação do Instituto do Ceará e com os seus trabalhos pioneiros.

Aquele paradigma se alinhava num passado – raiz que vinha convalidar uma vocação telúrica para a decifração dos enigmas que subsistem pesadamente num presente sempre preocupante, incentivando investigações multiformes, na ânsia incontida de exorcizar tantos sofrimentos causados pelas secas, pelas lutas de famílias, pelo oligarquismo desvairado, pela precariedade das condições de vida.

A vocação histórica se adensa, nos primórdios da perquirição do passado entre nós, numa *catarsis* que não desafina com a que é desdobrada nas tragédias gregas.

Escreve Maria Zambrano, a admirável pensadora espanhola, discípula de Ortega y Gasset:

> *A tragédia cria ordem e equilíbrio porque conjura ao mesmo tempo que revela os múltiplos* daimon *que assaltam o coração humano. O* daimon *não é senão a cifra da situação em que se*

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

> *encontra espontaneamente toda vida humana, todo homem, estar fora de si, andar alienado* (El Hombre y lo Divino, *Madri, Ediciones Siruela, 1991, p. 210).*

Desse modo, o passado granjeou um *status* temporal privilegiado num Estado às voltas com crises econômicas periódicas, com a incúria dos gestores da coisa pública, enredados no ruinoso patrimonialismo, na exacerbação privatística, na exaltação do autoritarismo sem controle e produto da desfunção político-administrativa.

Um Estado que não conseguia exibir traços marcantes de autonomia, de eficácia, porquanto não havia como se diferenciarem o público e o privado, da forma patrocinada pelos publicistas, pela lei maior do país, pelo sistema jurídico.

A sociedade, por sua vez, a responsável maior, dado o unidimensionalismo de seus valores, de suas atividades, sob a égide de uma avultada concentração de poderes, de recursos humanos e materiais nas mãos dos grandes proprietários de terra, de abastados comerciantes, por essa situação de intensa desfuncionalidade, ressentindo-se de agudo primarismo, não sabendo conceber e implementar fórmulas alternativas de desempenho, de mudanças tendentes a sobrepujar o quadro preocupante de exclusões, a engrossar substancialmente a marginalidade social.

A ausência de relacionamento justo e funcional entre os segmentos dominantes e os dominados forjaria inelutavelmente um duradouro estado de anomia, de desordem, de desorganização, de descoordenação.

Eis aí uma situação estrutural que se projetaria até aos nossos dias, com o incremento da violência, subsidiada pelas condições próprias de uma contemporaneidade que descartou o rico legado de valores da civilização ocidental, que caminha sem rumos, perdida no cipoal das maiores misérias.

Não é sem propósito que um lúcido pensador da atualidade, Gilles Lipovetsky, fala da "era do vazio", em que mergulha o Ocidente.

Isso tudo deveria predispor o historiador a encarar, com a tenacidade própria de quem busca encontrar os fundamentos maiores da existência coletiva, o passado mais consistente, aquele que se demora na longa duração, que só ele redimensiona com segurança o perfil de um povo, propiciando o horizonte a que deve recorrer o presente, para se posicionar com acerto diante do futuro, para dar efetividade aos seus projetos de aperfeiçoamento da sociedade global.

Referentemente ao nosso Ceará, aquela *catarsis*, a busca do equilíbrio interior preparatório de uma tomada de posição valorativa, eficiente, a contemplação dos percalços de toda sorte suportados pelas gerações anteriores, funcionam como mediadores ontológicos de grandes empresas a serem intentadas pelo historiador, cuja responsabilidade social aumenta de muito nos dias correntes face à problemática terrível que desafia a argúcia e a visão dos que se debruçam sobre a realidade social, tentando desafiar os seus enigmas para o resguardo de suas propostas mudancistas.

Nesse sentido, o historiador quase não mais se distingue, em sua missão, do sociólogo, do filósofo, do antropólogo, do economista, tal a exigência da interdisciplinaridade imposta ao pesquisador.

Infelizmente, o historiador, forçoso é confessá-lo, com algumas exceções, reluta e pouco assume a longa duração, preferindo ficar nos limiares do presente, ou num passado próximo, impotente no oferecimento de dados ou de situações que recomponham as grandes matrizes históricas, permitindo o florescimento de uma consciência mais lúcida da problemática do presente. O que é agravado de maneira ostensiva pela globalização, a ostentar a face mais cruel do capitalismo neoliberal, que avança solerte e avassaladoramente, produzindo um distanciamento cada vez maior entre o presente e o passado.

O historiador Peter Burke alerta-nos para o alargamento perigoso entre ambos, por conta da mesma globalização. O que significa, em última análise; a corrida acelerada para o esquecimento do ser do homem.

Pois não se deve omitir que esse ser do homem abriga uma dimensão de historicidade, cuja castração implica necessariamente a derrocada da Civilização, na maior desgraça da humanidade.

Também o pensador, mais do que simplesmente economista, Celso Furtado sintetiza com admirável aprumo os efeitos preocupantes da globalização:

> *Com o avanço da internacionalização dos circuitos econômicos, financeiros e tecnológicos, debilitam-se os sistemas econômicos nacionais. As atividades estatais tendem a circunscrever-se às áreas sociais e culturais. Os países marcados por acentuada heterogeneidade cultural e/ou econômica serão submetidos a crescentes pressões de forças desarticuladoras. A contrapartida da preeminência da internacionalização é o afrouxamento dos vínculos de solidariedade histórica que unem no quadro de certas nacionalidades populações marcadas por acentuadas disparidades culturais e de nível de vida.* (O Capitalismo Global, *Rio, Paz e Terra, 1999, p. 39).*

Como se vê, a incidência da globalização nos países pobres ou em desenvolvimento, como o nosso, é realmente assustadora.

Ela, indubitavelmente, aprofundará a fragilidade da consciência histórica daqueles países, reclamando da comunidade dos historiadores, dos cientistas sociais, uma decidida tomada de posição no sentido da busca de caminhos capazes de atenuar aquela incidência, preservando as nossas raízes e estimulando a presença do Estado nacional como agente maior do projeto cultural de que o país tanto carece, para favorecer a criação de políticas que restaurem a vida das universidades públicas em ruínas, que, não obstante, constituem os centros por excelência da pesquisa, mercê do trabalho de uns abnegados, que fazem da carência a força, a energia vibrátil de novas produções. Políticas que operem a integração entre os diversos setores e camadas da população, entre o social e o cultural, aprimorando a qualidade e as expectativas de vida das populações.

Atente-se, todavia, para a crise extremamente grave, e tão bem dissecada por Paulo Bonavides, e "instalada nas estruturas

financeiras, políticas e jurídicas do Estado brasileiro, em nível institucional" (*Do País Constitucional ao País Neocolonial*, São Paulo, Malheiros, 1999, p. 54).

Crise que abala a ordem constitucional, que desnacionaliza a economia brasileira, que vulnera a preciosa herança das leis sociais, que acelera a desorganização social, que acentua a inversão gritante dos valores a ponto de se institucionalizar a corrupção.

A responsabilidade social dos pensadores e homens de Ciência cresce nestas horas turvas, quando o caos começa a tomar vulto em nosso país.

O papel do historiador neste contexto de decadência é sumamente importante.

Cabe-lhe em grande parte empreender o reavivamento dos valores que norteiam a nação perplexa e atônita diante dos atentados que vem suportando de forma apassivada, quase de todo indiferente aos graves acontecimentos que a vulneram.

Nunca é tão reclamada quanto hoje a presença serena, mas forte do historiador, especialmente quando se sabe que ele, mais do que outro cientista social, é especialmente espicaçado pelas crises. Porquanto aí encontra o terreno fecundo de suas análises e reflexões, dotado que é de aguda consciência da relatividade do tempo, da particular temporalidade que cerca as mudanças sociais, aferindo com descortínio os genuínos imperativos históricos.

Estou convicto de que o Instituto do Ceará revive, realmente, neste instante solene os momentos originários de sua fundação, burilando a aproximação fecunda do passado, imbuído dos propósitos de espancar os demônios, os impasses criados por velhos problemas que, periodicamente, retornam, afligindo o presente.

É que ele abre as suas portas para receber um historiador de méritos comprovados, e que passa a compor o seu quadro de sócios efetivos.

O Prof. Gisafran Nazareno Mota Jucá, na verdade, fez-se um mestre da história, um pesquisador testado nos já numerosos trabalhos que produziu, nas atividades docentes que cumpriu e continua a cumprir.

Sem dúvida, ele vem reabastecer o núcleo de historiadores desta casa, que se ressentia da companhia de novos pesquisadores, operosos, dedicados a um mister enobrecido, a exigir vocação lavrada no desprendimento, na paciência que tudo suporta, inclusive a falta quase absoluta de recursos, de meios institucionais, para chegar a bom termo.

O historiador entre nós é exposto até a certos vexames, por não encontrar apoio numa sociedade cujos valores culturais são maltratados, reprimidos pela mídia insana, pela onda tecnocrata, pelo economicismo, pela fragilidade da consciência política que, robustecida, poderia promover ações atinentes à incorporação dos subsídios históricos na elaboração dos projetos de interesse da coletividade.

Ao contrário, assiste-se perplexo à crescente alienação dos políticos, da pública administração, das organizações sociais, das entidades econômicas com respeito à importância da história no contexto de vida dos brasileiros. Ainda mais agora com o referido obnubilamento do passado por obra da globalização neoliberal.

Percebe-se, então, que o historiador é conduzido, mais do que outro pesquisador, pela paixão ao ofício a que se devota, pelo entusiasmo, quase no sentido originário do termo, o de um arrebatamento do espírito diante da verdade da revelação.

É que sente vigorosamente o impacto da palavra-chave doada pelo passado, por um passado que cimentou a forte tradição, inexoravelmente ponto de partida dos projetos mudancistas, se não se quiser resvalar no erro do progressismo.

O Prof. Gisafran chega até nós assinalado por aquele entusiasmo, havendo passado por experiências que o amadureceram.

Não reluto em afirmar a sua disposição de trabalho diuturno, continuado, granjeando a admiração de seus colegas e alunos.

Disso ele já deu provas sobejas e persistentes, como se vê a seguir.

É importante constatar a sua boa qualificação no setor de estudos a que se prende.

Após licenciar-se em história pela Faculdade de Filosofia do Ceará, em 1971, cursou e obteve o título de doutor em Ciências na

área da História Social, pela Universidade de São Paulo, em 1993, com a tese "Verso e Reverso do Perfil Urbano do Recife e de Fortaleza", cobrindo o período de 1945-1960.

Antes cursara e obtivera o título de mestre em História pela Universidade do Recife, no período compreendido entre 1974 e 1975, com a tese intitulada "A Implantação de Serviços Urbanos no Recife: o caso da Companhia do Beberibe, 1838-1912".

É ampla a sua participação em cursos, simpósios, seminários e encontros.

Na impossibilidade de alinhá-los a todos, direi de alguns mais relevantes.

Freqüentou o Curso de Didática, promovido pela Associação dos Professores Licenciados do Estado do Ceará – APLEC e Centro de Estudos, Pesquisas e Debates, em Fortaleza, julho de 1970.

Tomou parte no IV Seminário de História do Nordeste do Brasil, patrocinado pelo Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, agosto de 1972.

Tomou parte por igual no Curso de Técnicas de Arquivo, Microfilmagem e Restauração de Papéis e Documentos, oferecido pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 4 a 22 de julho de 1977.

Acrescentem-se ainda:

Seminário de História do Nordeste sob o tema "O Nordeste Face ao Brasil Republicano", Universidade Federal da Paraíba, Departamento de História. João Pessoa, 22 a 25 de maio de 1979.

Seminário de Documentação Histórica Regional. Universidade Federal da Paraíba, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. João Pessoa, PB, 18 a 22 de junho de 1979.

Curso de Metodologia de História. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de História, João Pessoa, PB, 29 de agosto a 5 de setembro, 1969.

Seminário sobre Industrialização e História. Universidade Federal da Paraíba. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. João Pessoa, PB, 10 a 15 de setembro de 1989.

Fórum Aníbal Moura. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de História. Expositor da Dissertação: A Implantação de Serviços Urbanos no Recife; o caso da Companhia do Beberibe, 1838-1912. João Pessoa, PB, 15 de abril de 1983.

Conferência ministrada no Seminário de Estudos do Semi-Árido Nordestino, abordando o tema "Visão Histórica e Econômica da Paraíba". João Pessoa, PB, 24 de outubro de 1983.

Conferência ministrada na III Semana da Cultura de Maranguape, de 28 de abril a 6 de maio de 1984, sob o título "O Processo de Ocupação da Região Nordeste".

Participação em Mesa Redonda no Seminário "O Regionalismo Nordestino", com patrocínio da Associação dos Professores Universitários de História, ANPUH Fortaleza, 13 e 14 de novembro de 1984.

Participação em Mesa-Redonda: "Regionalismo como Ideologia e Realidade", 7 de novembro de 1984. Patrocínio também da ANPUH.

Comunicação sobre levantamento Bibliográfico e Documental sobre a urbanização de Fortaleza no século XIX. Fortaleza, 12 a 15 de outubro de 1985.

Exposição do tema: "A Formação Histórica do Semi-Árido" Cajazeiras, PB, 11 a 14 de novembro de 1985.

Exposição do tema: "O Nordeste Como Questão Nacional: Seca, Semiaridez e Semi-Árido". Fortaleza, 3 de maio de 1986.

Cursos: Sociedade e Cultura no Capitalismo Tardio e Cultura e Trabalho na História, por ocasião do XIV Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História. Universidade de Brasília, 19 a 24 de julho de 1987.

Seminário Interdisciplinar: Democracia, Partidos e Luta Social no Nordeste. Universidade Federal da Paraíba. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. João Pessoa, PB, 24 e 25 de agosto de 1987.

Comunicação apresentada no IV Encontro Estadual de História, em torno dos caminhos da História Local. Abordagem comparativa entre Recife e Fortaleza (1945-1960). Patrocínio da ANPUH, Núcleo Regional do Ceará. Fortaleza, 19 a 23 de novembro de 1990.

Comunicação apresentada: "Verso e Reverso do Perfil Urbano do Recife e de Fortaleza. Semana de História, em comemoração dos 50 anos do curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 28 de abril de 1993.

Cursos ministrados:

História e Cidades, Universidade Estadual do Ceará. Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. II Semana de História. Quixadá, 8 a 10 de novembro de 1994.

Historiografia, Fontes e Metodologia para a História do Nordeste. Universidade Federal da Paraíba. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. III Encontro Nordestino de História. 17 a 20 de abril de 1995.

Trabalho apresentado no XVIII Simpósio Nacional de História, abordando "A Pobreza Urbana em Fortaleza" (1945-1960). Recife, 23 a 38 de julho de 1995.

O Prof. Gisafran teve parte em várias bancas examinadoras da Universidade Federal do Ceará, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Estadual do Ceará, tanto em nível de graduação quanto no de pós-graduação, nas áreas de História, Sociologia, Educação e Geografia.

Orientou trabalhos na Universidade Federal do Ceará e na Universidade Estadual do Ceará, na área de História e versando sobre temas da atualidade na historiografia cearense, como "Ficção e Realidade do Cangaço", de autoria de Luciano Pinheiro Klein, 1995; "A Influência cultural americana em Fortaleza, na década de 40", elaborado por Francisca Valéria Pinheiro de Souza, 1997; "A Praça do Ferreira e as Reformas de 1933-1949", composto por Maria do Socorro de Monte Silveira, 1997.

Integrou bancas de concurso na Universidade Federal do Ceará, na Universidade Estadual do Ceará e na Universidade Federal de Pernambuco, nas áreas de História e de Biblioteconomia, entre os anos de 1981 e 1998.

Desempenhou atividades docentes na rede média de ensino do Ceará, sempre no âmbito da História, começando no ginásio do Instituto Santa Rita, de Maranguape, entre 1969 e 1971, e terminando no Colégio Estadual de Cajazeiras, em 1976.

Ensino superior: lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras, PB, assumindo as disciplinas: História Antiga e História do Brasil, entre março de 1972 e julho de 1976.

Na Universidade Federal da Paraíba, com as disciplinas: História Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil I e II, História Contemporânea I e II, entre agosto de 1976 e dezembro de 1983.

Na Universidade Federal do Ceará, também no Departamento de História: História Antiga I, História do Brasil III e IV, Métodos e Técnicas de Investigação Histórica, História Econômica, Social e Política Geral e História Econômica, Social e Política do Brasil, entre o 1º semestre de 1984 e o 2º semestre de 1997.

No Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC lecionou História Econômica do Brasil, no 1º semestre de 1985.

Ministrou a disciplina História do Brasil na 1ª República, no curso de reciclagem para professores de História da Rede Oficial do 2º grau, promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Por falta de espaço, outras atividades docentes cumpridas pelo Prof. Gisafran deixam aqui de ser mencionadas.

Na esfera da administração universitária, interessante salientar alguns desempenhos do recipiendário.

Foi Chefe do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – PB, de 1972 a 1976.

Membro da Equipe de Organização do Acervo Documental do Núcleo de Documentação e Informação Regional, NDIHR. João Pessoa – PB, dezembro 1972 a dezembro 1978.

Chefe do Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, em períodos correspondentes aos anos de 1980 e 1984.

Coordenador do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, de 4 de setembro de 1984 a 4 de setembro de 1986.

Coordenador do Curso de Especialização em História: questões teóricas e metodológicas, na Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, entre 1994 e 1997.

São avultados os trabalhos publicados pelo mestre em foco, sobressaindo: Liberalismo e Divisão de Poderes em Montesquieu,

in Revista de Ciências Humanas, João Pessoa, ano 2, número 2, Imprensa Universitária, julho-setembro de 1980, p. 5-18. O crescimento do Recife e os Entraves à urbanização, na mesma Revista, ano 2, número 4, outubro/dezembro de 1980, p. 147-164. O Espaço Nordestino. O papel da Pecuária e do Algodão, *in* Souza, Simone de (coord.) História do Ceará, Fortaleza, Stylus Comunicações, 1989, p. 13-20. Gustavo Barroso: vida, contexto e idéias, *in* Cadernos do NUDOC, Série Histórica do Ceará, número 6, Fortaleza, março de 1990. A pobreza e conflitos de Fortaleza: 1945-1960, Cadernos de História, Revista do Departamento de História, vol. 2, nº 2, jul-dez. 1955, Natal – RN, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Editora Universitária, UFRN.

Organizou o Catálogo de Documentos manuscritos avulsos da capitania do Ceará, 1618-1832, Brasília, Ministério da Cultura e Fundação Demócrito Rocha, 1999.

Como se vê, é alentada a folha de serviços prestados pelo Prof. Gisafran a universidades do Nordeste, à historiografia cearense, credenciando-se merecidamente à vaga deixada pelo saudoso historiador Guarino Alves de Oliveira neste sodalício.

Declaro-o muito à vontade nesta quadra de tantas vacilações, desacertos e impropriedades no cenário nacional/regional, na certeza de que emprestará, com o entusiasmo que sempre o assistiu a seu valioso concurso à obra de revigoramento, da historiografia entre nós, ajudando a espancar os demônios que nos assustam, a repor o presente em trilhas seguras, a recuperar os valores maiores da nacionalidade.

Confrade José Gisafran Mota Jucá: entrai no nosso Instituto do Ceará e tomai assento ao nosso lado.

Preparai-vos para a labuta que vos espera, dignificando a memória dos eméritos fundadores desta casa. Sede Benvindo.